

“GOSTO SE DISCUTE” E SE PESQUISA

A emergência de uma categoria de análise na ciência social brasileira



"Taste is discussed" and researched: the emergence of a category of analysis in Brazilian social science

Breno Rodrigo de Oliveira Alencar
Instituto Federal do Pará

Seção de Ciências Humanas | Belém, Brasil

breno.alencar@ifpa.edu.br | ORCID iD: 0000-0002-1194-8986

PULICI, Carolina; FERNANDES, Dmitri. 2009. *As lógicas sociais do gosto*. São Paulo: Unifesp, 328p.

Resumo

Esta resenha apresenta a coletânea “As Lógicas Sociais do Gosto”, livro publicado em 2019 e que reúne oito capítulos organizados pelos sociólogos Carolina Pulici e Dmitri Fernandes. Dedicado a gênese social das preferências sociais em diferentes contextos, tempos e experiências metodológicas, e inspirado no conceito bourdieusiano de distinção, a obra enfatiza a importância do gosto como categoria de análise sociológica acerca dos processos de valorização e depreciação social que estruturam a vida em sociedade. Por meio dela procura-se, também, analisar a pertinência do tema em um contexto marcado pelo acirramento de desigualdades e clivagens de todas as ordens.

Palavras-chave

gosto; distinção; classe social; lógicas sociais; resenha.

Abstract

This review presents the collection “The Social Logics of Taste”, a book published in 2019, and brings together eight chapters organized by sociologists Carolina Pulici and Dmitri Fernandes. Dedicated to the social genesis of social preferences in different contexts, times, and methodological experiences, and inspired by the Bourdieusian concept of distinction, the work emphasizes the importance of taste as a category of sociological analysis about the processes of social valuation and depreciation that structure life in society. Through it, it is also sought to analyze the relevance of the theme in a context marked by the intensification of inequalities and cleavages of all kinds.

Keywords

taste; distinction; social class; social logics; review.



Em *La distinction: critique sociale du jugement*, Bourdieu (1979 [2008]) afirma que o gosto é um indicador muitas vezes negligenciado pelos especialistas em estratificação social, sendo por isso mesmo o terreno por excelência da negação do social. Essa negligência deve-se, em parte, à referência ao belo e a hierarquia de que ela é solidária com o agradável e o sublime presente na história da arte e da filosofia, com destaque para a obra do filósofo Immanuel Kant.

Ao se debruçar sobre este tema, Bourdieu reformula esta concepção introduzindo o argumento de que, ao funcionar como uma espécie de orientação social, o gosto sinaliza determinada posição no espaço social. Produto de automatismos inscritos no corpo através da educação e solidamente associados a sistemas de preferências integrados, desde a primeira infância, às condições materiais de existência dos indivíduos, o gosto implica uma antecipação prática do que, provavelmente, será o sentido e o valor social da prática ou do bem escolhido – considerando sua distribuição no espaço social, assim como o conhecimento prático que os outros agentes têm da correspondência entre bens e grupos. Em outras palavras, o sentido da orientação incorporado pela educação tende a desenvolver nos agentes sociais o gosto por aquilo que suas condições de existência lhes acostumaram e por aquilo que elas lhes permitem aspirar.

A reformulação do conceito de gosto proposta por Bourdieu torna-se, assim, um caso bem-sucedido de revisão e atualização de um conceito, antes menosprezado pelos especialistas, em uma categoria indispensável para a compreensão e análise das estruturas e dinâmicas sociais. Não é por acaso que obra *As lógicas sociais do gosto* (2019), organizada pelos sociólogos Carolina Pulici e Dmitri Fernandes, assume uma relevância fundamental no contexto acadêmico e social brasileiro. Isto porque sua publicação coincide com a aguçada curiosidade despertada pelas transformações vividas pela sociedade brasileira nas últimas décadas, em particular a influência exercida pelo gosto sobre nossas

percepções de ascensão social. E aqui não me refiro exclusivamente ao objeto de análise por excelência do livro, mas a sua popularização enquanto categoria êmica através do par gosto-nojo, cujos métodos de coleta e análise de dados ainda se encontram em sua fase embrionária.

Sim, embora o gosto seja um objeto conhecido dos pesquisadores brasileiros já em 1950, quando a socióloga brasileira Gilda de Mello e Souza (2001) discutia essa espécie de “luta surda e subterrânea dos grupos”, ao ver na vestimenta, nas maneiras, na linguagem e na distribuição do espaço geográfico, uma expressão concreta de certos afastamentos e contrastes que correm no bojo de nossa sociedade; o tema segue sendo negligenciado e ocupa um lugar periférico nos estudos e publicações de cientistas sociais contemporâneos. A razão para isso pode estar no desdém à sua relevância como instrumento de apreensão das relações de classe – recorte que a precede na teoria sociológica –, mas também pelo tabu cultural que envolve a sua apreensão demonstrada pela popularização de ditados como “gosto e religião não se discutem”.

Pois bem. Pulici e Fernandes demonstram com esta coletânea formada por 8 capítulos, que resultam de pesquisa de campo, que gosto não apenas se discute como é um tema que está na ordem do dia, dadas as possibilidades que o mesmo fornece para a compreensão das linhas de força que dividem nosso país, produzindo polarizações ideológicas e identitárias que atravessam e atingem nossas idiosincrasias cotidianas, podendo variar dos mais simples gestos, como o olhar atravessado de quem julga as preferências musicais do outro, a declarações públicas de agentes do Estado sobre nossos modos à mesa¹.

¹ Refiro-me mais especificamente ao Ministro da Economia Paulo Guedes, que em 17 de junho de 2021, durante sua participação no Fórum da Cadeia Nacional de Abastecimento, promovido pela Associação Brasileira de Supermercados (Abras), declarou: “O prato de um classe média europeu, que já enfrentou duas guerras mundiais, são pratos relativamente pequenos. E os nossos aqui, nós fazemos almoços

Reunindo trabalhos apresentados no *Simpósio de Pesquisa Pós-graduada (SPG): Gostos, Hierarquias Simbólicas e Legitimidades Culturais* – realizado durante os congressos da Associação Nacional de Pós-graduação em Ciências Sociais (ANPOCS) nos anos de 2014 e 2015 – e contribuições de pesquisadores pertencentes ao antigo *Centre de Sociologie Européenne*; o livro procura, através do diálogo com a teoria e método bourdieusiano, investigar “a manifestação de uma mesma oposição estrutural entre o distinto e o vulgar” (p. 31) no Brasil, isto é, a gênese de nossos gostos em diferentes contextos sociais e realidades históricas.

A coletânea está organizada em três partes que se distinguem em razão da hierarquização social dos objetos e/ou aos métodos com os quais seus autores os abordam sociologicamente. A primeira parte é dedicada à chamada “alta cultura”, ou prática cultural cultivada. Constituída de quatro capítulos, este grupo de trabalhos guarda em comum entre si as normas de consagração e legitimação que dão coesão social entre os grupos dominantes ao mesmo tempo em que lhes permitem impor suas estratégias de individualização e seus princípios de hierarquização dos gostos.

Intitulado *A alimentação solene e parcimoniosa: práticas gastronômicas como fonte de distinção das elites paulistanas*, o primeiro capítulo, de Carolina Pulici, se vale da pesquisa documental na imprensa e em manuais de etiqueta, de entrevistas semidiretivas e da análise de estatísticas culturais para, em suas palavras, “ler” a alta classe paulistana a partir de seus hábitos alimentares. Em perspectiva estão os discursos de especialistas sobre o controle do corpo e de si, onde “o que”, “o quanto” e “como” comer são preceitos para a legitimação e delimitação dos comportamentos gastronômicos socialmente distintivos. O trabalho divise-se, assim, entre a descrição das normas que se impõem como legítimas em matéria de alimentação e modos à mesa, em oposição

onde às vezes há uma sobra enorme. Isso vai até o final, que é a refeição da classe média alta, até lá há excessos”.

aos códigos culturais predominantes nas classes populares, e a reação dos membros de famílias abastadas aos referenciais de boa conduta e às representações que constroem de si mesmos e dos outros a partir de suas atitudes alimentares.

Por meio da pesquisa documental em arquivos de jornais e revistas, principalmente no acervo on-line de O Estado de São Paulo, Folha de São Paulo e na Hemeroteca da Biblioteca Nacional, o segundo capítulo, intitulado *Moderno sob medida: produtores e clientelas do mobiliário paulistano nos anos 1950*, expõe a relação de homologia entre o espaço de produção, difusão e consumo de mobiliários em São Paulo nos anos 1950, tendo como eixo analítico as condições sociais de formação do gosto moderno neste contexto social. Por meio dele a autora, Camila Gui Rosatti, expõe a diferenciação social de consumidores e o embate entre as visões de mundo do decorador e do arquiteto, chamando atenção para a oposição entre a produção de objetos exclusivos, feitos sob encomenda e com madeiras e tecidos nobres – destinada às redes de sociabilidade dos arquitetos e a frações da burguesia –, e a produção em larga escala, padronizada e de menor custo, feita com madeira compensada, estofamento plástico e acabamento rústico, destinada a um público mais amplo.

O terceiro capítulo intitulado *Pode aplaudir que a orquestra é sua: o recrutamento social do quadro de assinantes da Osesp como estratégia de consolidação* explora as disputas pela consagração do gosto musical entre a Orquestra Sinfônica de São Paulo e a Sociedade de Cultura Artística. O autor, Ricardo Teperman, analisa textos e declarações públicas de maestros e diretores, reportagens publicadas na imprensa, programas de concerto e sondagens sobre o público da Osesp realizadas por encomenda da orquestra, entre 2002 e 2004, para demonstrar que o envolvimento dos membros das classes superiores com os símbolos da alta cultura, a exemplo da música erudita, constituem fator de coesão e reprodução de seu capital social.

A seção dedicada à alta cultura se encerra com o capítulo *O discurso cultivado sobre a arte: o “Musée Égoïste” do Nouvel Observateur*. Com o objetivo de analisar o espaço dos discursos legítimos sobre a arte e as formas superiores de gosto e sensibilidade artística, o seu autor, Louis Pinto, se debruça sobre 74 análises de obras de arte publicadas na coluna *Musée Égoïst*, da revista semanal *Le Nouvel Observateur*, entre 1984 e 1985. Redigidas por convidados ilustres, em sua maioria romancistas e ensaístas, chamados a escolher e a comentar uma obra de arte, estas análises revelariam como os “locutores autorizados”, dotados das categorias mais nobres da experiência estética, também possuem em seus discursos os princípios de hierarquização dos bens culturais e das visões artísticas.

A segunda parte da coletânea é dedicada a trabalhos que dialogam ora com a cultura de massa, o que é o caso do capítulo intitulado *Uma janela para o mundo: a apreciação socialmente diferenciada de telejornais policiais brasileiros*, de Dmitri Fernandes e Fábio Ribeiro; ora com a cultura popular, presente no texto de Heloisa Pontes e Rafael César, intitulado *Cidades, palcos e públicos: Rio de Janeiro e São Paulo em dois atos*.

Baseado na aplicação de questionário e realização de grupos focais com estudantes de duas escolas, uma pública e outra particular, nas cidades mineiras de Ewbank da Câmara e Juiz de Fora, respectivamente, Fernandes e Ribeiro analisam a apreciação socialmente diferenciada dos discursos imagético e vocabular dos telejornais *Cidade Alerta* (à época apresentado por Marcelo Rezende na TV Record) e *Brasil Urgente* (apresentado por José Luiz Datena na TV Bandeirantes). Atentos ao modo como se opera a interiorização de um sistema de disposições, entre elas a manifestação da “automatização do pensamento binário”, isto é, um entendimento dualista da realidade protagonizado por moralização presente no discurso dos programas policiais; os autores procuram demonstrar como os dois telejornais atuam como manuais de conduta, mobilizando mensagens conservadoras, cuja assimilação

encontra maior probabilidade em contextos onde o acesso prioritário à televisão como fonte consagradora de opiniões legítimas coincide com a presença, entre as classes populares, de baixos níveis relativos de capital econômico e cultural.

O capítulo 6, de Heloísa Pontes e Rafael César, trata das transformações do teatro brasileiro por meio de uma perspectiva de gênero. Os autores apresentam os resultados de uma pesquisa comparativa, baseada na consulta a periódicos dedicados à crítica cultural e artística das trajetórias da compositora Chiquinha Gonzaga (no contexto da *belle époque* carioca) e da atriz Cacilda Becker (na cena paulista, durante a criação do Teatro Brasileiro de Comédia). No intuito de demonstrar como o teatro, principal forma de entretenimento nos dois momentos, serviu à retradução simbólica das hierarquias que estruturam a mobilidade geográfica e societária característica dos contextos sociais em que passavam as metrópoles no país, os autores chamam atenção para os critérios de apreciação das práticas teatrais e formas de recrutamento de atores e atrizes. Variando entre o esforço das elites cariocas em corresponder ao “gosto popular”, onde Chiquinha Gonzaga operava uma mediação “palatável e divertida entre as classes sociais” (p. 211), e a iniciativa paulistana em fidelizar o público por meio da profissionalização da dramaturgia, onde Cacilda Becker foi pioneira e protagonista diante dos desafios do teatro moderno encenado na cidade.

A última parte do livro é dedicada à sociologia que evidencia e dialoga com a abordagem quantitativa presente na obra *La distinction*, de Pierre Bourdieu. Elaborado por Edison Bertoncelo, o capítulo 7, intitulado *Consumo cultural e manutenção das distâncias sociais no Brasil*, explora o papel da cultura e dos estilos de vida na produção e reprodução das desigualdades presentes nos usos do tempo livre. Baseado na tese das homologias e na aplicação de um questionário estruturado a uma amostra de 1,2 mil pessoas, o autor aborda as práticas culturais da sociedade brasileira, com

ênfase em algumas dimensões do consumo cultural da música, no intuito de apreender as lógicas que estruturam a produção dos consumidores culturais e de seus gostos musicais. Contrariando a validade empírica do argumento de que há um crescente processo de individualização dos gostos e dos estilos de vida na chamada modernidade tardia, os resultados da análise demonstram a presença de desigualdades na distribuição do gosto musical e a persistência de fronteiras simbólicas que conformam hierarquias culturais e simbólicas entre os diferentes gêneros musicais.

O livro se encerra com o Capítulo 8, de Julien Duval. Intitulado *Sobre a transformação dos sistemas de gostos na França*, o trabalho evoca alguns aspectos das transformações recentes no espaço social francês, avaliando a amplitude das permanências e mudanças no que diz respeito à distribuição da competência cultural e dos gostos artísticos entre os grandes grupos sociais. Baseado em pesquisas sobre as práticas culturais francesas realizadas, no intervalo entre 1973 e 2008, pelo Ministério da Cultura francês e na tese de que a análise do gosto proposta por Bourdieu estaria superada em razão do ecletismo das classes superiores, o autor sugere que a “disposição cultivada” não se limitaria ao contato e consumo exclusivo de produtos altamente legítimos, mas a uma relação específica com a cultura, na qual a raridade e o valor dos bens culturais assume a forma de um capital depreciado. Ainda assim, o aumento da influência do campo econômico sobre os outros espaços sociais, protagonizado pelas políticas neoliberais, teria modificado razoavelmente as relações de força entre os grupos sociais, favorecendo as frações de classe economicamente dominantes.

Mostrando como *As lógicas sociais do gosto* operam o acesso desigual a bens e práticas culturais, o livro de Pulici e Fernandes atualizam velhos debates sobre as relações entre indivíduo e sociedade, tornando-se pioneiro e, ao mesmo tempo, inovador nas estratégias teóricas e metodológicas de pesquisa sobre nossas

práticas de gosto, em particular suas mudanças e variações históricas, sociais e culturais.

Ainda assim, merece advertência a tendência da coletânea em reificar o conceito de gosto, cuja ausência de problematização sobre os códigos e as codificações que permeiam a produção do gosto em seu sentido cognitivo e ontológico parece criar a falsa ilusão de separação rígida entre as classes, rendendo-se, assim, ao economicismo tão criticado por Bourdieu. Correndo o risco de ignorar que o gosto é uma categoria relacional, a “lógica social” sugerida na obra estimula a produção de binarismos, oposições e exclusões que prejudicam, em muito, a decifração e a decodificação das competências, consagrações e dos instrumentos de apropriação que subjazem o próprio gosto e fazem do mundo social estruturas sociais incorporadas.

Pesquisadores interessados no tema, contudo, podem avançar a partir deste ponto, apoiando-se na transgressão sugerida por Bourdieu, aquela que, afim de abolir a fronteira sagrada que transforma a cultura legítima em um universo separado, descobre as “relações inteligíveis que unem escolhas aparentemente incomensuráveis, tais como as preferências em matéria de música e de cardápio, de pintura e de esporte, de literatura e de penteado” (BOURDIEU, *op. cit.*:13-14). O caminho para isso pode estar em um olhar mais etnográfico juntos às fronteiras que unem indivíduos atravessados por marcadores sociais além da classe – como gênero, raça, origem, entre outros.

Referências Bibliográficas

- BOURDIEU, Pierre. 2008. *A distinção: crítica social do julgamento*. São Paulo: Edusp; Porto Alegre: Zouk.
- CARAM, Bernardo. Guedes diz que classe média exagera no prato e que sobras poderiam alimentar pobres. *Folha de São Paulo*, 17 jun. 2021. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2021/06/gue>

des-diz-que-classe-media-exagera-no-prato-e-que-sobras-poderiam-alimentar-pobres.shtml

MELLO E SOUZA, Gilda de. 2001. *O espírito das roupas: a moda no século dezenove*. São Paulo: Companhia das Letras.

Enviado: 05/10/2021
Aceito: 26/10/2021